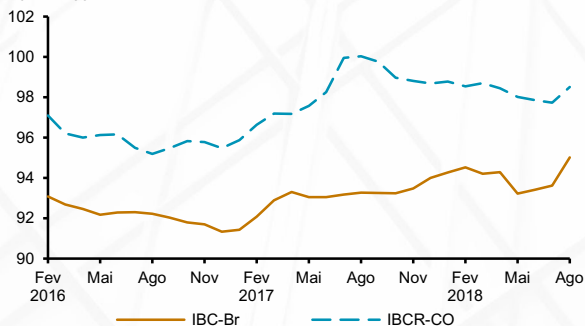


Região Centro-Oeste

3

Gráfico 3.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Centro-Oeste

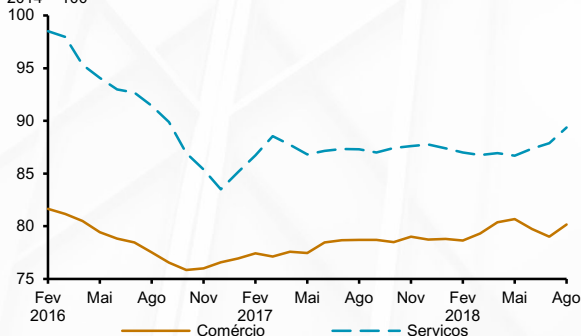
Dados desazonalizados – Média móvel trimestral
2014 = 100



A atividade econômica no Centro-Oeste recuperou-se dos efeitos da paralisação dos transportadores em maio e retomou a trajetória de relativa estabilidade, refletindo, em parte, a redução na produção agrícola, após a safra recorde em 2017. No trimestre encerrado em agosto, o IBCR da região cresceu 0,5% em comparação ao trimestre anterior, na série com ajuste sazonal, influenciado pela recuperação dos serviços de transporte e da produção da indústria de transformação. Comparando-se com os primeiros meses do ano, o comportamento da atividade econômica mostra relativa estabilidade, refletindo, além da queda na produção de grãos, os efeitos das barreiras às exportações de carnes.

Gráfico 3.2 – Comércio e serviços – Centro-Oeste

Dados desazonalizados – Média móvel trimestral
2014 = 100



Fontes: IBGE e BCB

Os indicadores de demanda no Centro-Oeste evidenciam evolução bastante moderada. No trimestre encerrado em agosto, o comércio ampliado registrou contração de 0,7% segundo dados dessazonalizados da PMC, do IBGE, com a diminuição das vendas de veículos contrastando com o aumento de 0,3% do indicador do comércio varejista. Em sentido oposto, a atividade no setor de serviços registrou aceleração na margem, registrando expansão de 3,0% no período, impulsionado pelo segmento de transportes de cargas, que se recuperou da paralisação ocorrida em maio.

Tabela 3.1 – Evolução do emprego formal – Centro-Oeste

Discriminação	Novos postos de trabalho (em mil)			
	2017		2018	
	Trim ^{2/}	Ano ^{3/}	Trim ^{2/}	Ano ^{3/}
Total	25,2	70,2	31,4	88,2
Ind. de transformação	6,7	19,3	4,3	15,2
Comércio	3,8	-0,4	3,2	1,2
Serviços	4,8	21,9	11,9	37,2
Construção civil	3,7	6,9	4,2	11,0
Agropecuária	6,6	22,2	7,4	23,2
Outros ^{1/}	-0,4	0,3	0,4	0,4

Fonte: Ministério do Trabalho

1/ Inclui extrativa mineral, administração pública e SIUP, entre outros.

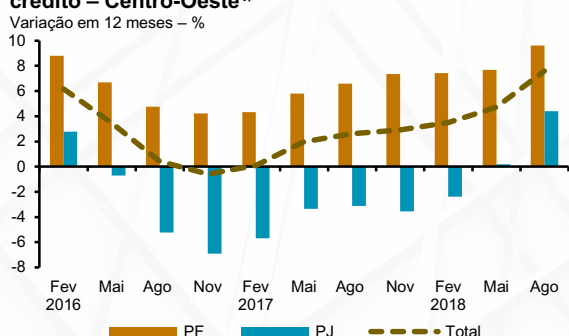
2/ Trimestre encerrado em agosto.

3/ Acumulado no ano até agosto.

O mercado de trabalho no Centro-Oeste continua em expansão, evidenciada tanto pelos indicadores do IBGE, como pelos dados do Caged/MTb. A população ocupada aumentou 2,7% no segundo trimestre, na comparação interanual, equivalente a um acréscimo de 200 mil pessoas, segundo dados da PNAD Contínua, sendo 147 mil no setor de serviços. O crescimento ocorreu em todos os estados da região, bem como na capital do país: Mato Grosso, 4,6%; Distrito Federal, 3,4%; Mato Grosso do Sul, 2,8%; e Goiás, 1,5%. Desse modo, a taxa de desocupação da região diminuiu 1,1 p.p. no período, situando-se em 9,5%, abaixo da média nacional (12,4%). A expansão na ocupação associada ao crescimento de 4,6% do rendimento médio real implicaram alta de 7,4% na massa de rendimento real.

Os dados do Caged para o Centro-Oeste mostram a criação de 31,4 mil empregos formais no trimestre finalizado em agosto, evoluindo positivamente em relação à expansão registrada no mesmo período de 2017 (25,2 mil). Os novos empregos concentraram-se em Mato Grosso e Goiás, disseminados em todos os setores, principalmente em serviços (segmentos de atenção à saúde, organizações associativas, transporte e tecnologia da informação). No segmento de construção civil observaram-se contratações para obras de infraestrutura e construção de edifícios; na indústria, no segmento de produtos alimentícios, têxteis e combustíveis.

Gráfico 3.3 – Evolução do saldo das operações de crédito – Centro-Oeste^{1/}



Em crescimento contínuo desde fevereiro do ano passado, o mercado de crédito no Centro-Oeste mostrou aceleração nos últimos meses, alavancado pela demanda de crédito do agronegócio em operações de financiamento da safra e de apoio às exportações. A expansão interanual do crédito concedido pelo Sistema Financeiro Nacional (SFN), na região, passou de 4,7%, em maio, para 7,6% em agosto, com o crescimento no segmento de pessoas físicas passando de 7,7% para 9,6% no período (destaque para o acréscimo nas linhas de crédito rural e financiamentos a exportações). A variação interanual da carteira de crédito às empresas evoluiu de 0,2% para 4,4%, impulsionada pelo aumento nos financiamentos a exportações.

Tabela 3.2 – Balança comercial – Centro-Oeste

Janeiro-setembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Centro-Oeste		Brasil	
	2017	2018	Var. %	Var. %
Exportações	20 929	26 059	24,5	8,2
Básicos	17 765	22 429	26,3	12,5
Industrializados	3 164	3 630	14,7	4,3
Importações	6 265	6 447	2,9	17,3
Bens de capital	389	456	17,2	55,0
Bens Intermediários	3 126	3 019	-3,4	11,4
Bens de consumo	1 840	1 782	-3,1	15,2
Combustíveis e lubrificantes	910	1 184	30,1	12,6
Saldo comercial	14 663	19 612	33,7	-19,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

A demanda externa pelos produtos agropecuários produzidos no Centro-Oeste continua sendo importante diferencial para o crescimento da região. Nesse sentido, observou-se aumento de 24,5% nas exportações da região no acumulado de janeiro a setembro, impulsionado pelas remessas de milho, soja, celulose, farelo de soja e carne de bovinos. Em sentido oposto, houve contração nas vendas de açúcar, carne de suínos, couros e pele e carne de frango. As importações aumentaram 2,9% no período, influenciadas principalmente pelo crescimento nas compras de gás natural, máquinas agrícolas (exceto trator) e aeronaves. Dessa forma, o comércio exterior da região apresentou saldo de US\$19,6 bilhões nos nove primeiros meses do ano, com expansão de 33,7% ante o mesmo período de 2017.

No âmbito fiscal observou-se elevação de 6,1% na dívida líquida da região entre dezembro de 2017 e agosto deste ano, com destaque para o aumento de 15,1% na dívida do Mato Grosso (novas operações de crédito bancário e efeitos da variação cambial sobre a dívida externa). Nesse período, constatou-

Tabela 3.3 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Centro-Oeste^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dezembro de 2017			Agosto de 2018		
	Dívida	Fluxos 12 meses		Dívida ^{2/}	Fluxos 12 meses	
	Primário	Nominal ^{3/}		Primário	Nominal ^{3/}	
DF	6 435	744	934	6 851	884	1 086
GO	18 208	-348	1 065	19 251	-1 033	556
MS	7 216	-290	114	7 374	-163	403
MT	3 462	-478	-217	3 983	-400	-33
Total (A)	35 321	-372	1 896	37 459	-713	2 012
Brasil^{4/} (B)	800 969	-11 707	38 679	861 052	-7 187	52 372
(A/B) (%)	4,4	3,2	4,9	4,4	9,9	3,8

1/ Por UF, totalizando gov. estadual, capital e principais municípios. Dados preliminares.

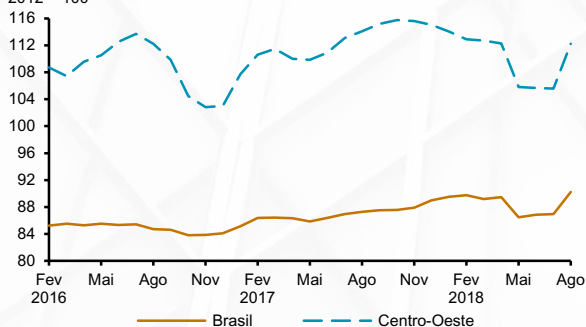
2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Refere-se à soma de todas as regiões.

Gráfico 3.4 – Produção industrial – Centro-Oeste

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2012 = 100



Fontes: IBGE e BCB

Tabela 3.4 – Produção agrícola – Centro-Oeste

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2017	2018	
Grãos	83,4	105 931	99 836	-5,8
Soja	57,0	51 157	53 069	3,7
Milho	16,1	50 119	41 781	-16,6
Algodão (caroço)	7,1	1 715	2 088	21,8
Feijão	1,9	801	717	-10,5
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	12,6	142 927	146 157	2,3

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2017.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2018.

se crescimento de 91,8% no *superavit* primário, refletindo, em especial, o desempenho de Goiás.

A receita de ICMS dos estados cresceu 6,1%, em termos reais, no período de doze meses encerrado em agosto, enquanto as transferências da União recuaram 5,7%. Para as receitas de ICMS, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul exibiram desempenho mais elevado, 15,5% e 11,0% respectivamente, influenciadas pela produção agropecuária. Goiás e Distrito Federal, economias mais diversificadas, apresentaram taxas mais modestas, 3,2% e 3,4%.

A atividade industrial no Centro-Oeste vem apresentando arrefecimento em 2018, repercutindo a queda na safra agrícola e os efeitos de restrições de acesso ao mercado externo, principalmente no segmento de carnes de aves e suínos. No trimestre encerrado em agosto, as indústrias voltaram a produzir em nível normal, se recuperando da paralisação de transportadores em maio que interrompeu diversas cadeias de suprimento. Nesse período, a produção industrial¹⁰ cresceu 6,1% em relação ao trimestre encerrado em maio, com destaque para a recuperação da indústria alimentícia, de minerais não metálicos e de produtos químicos. Entretanto, quando comparado com o nível de produção do primeiro trimestre, observa-se ainda recuo de 0,4%.

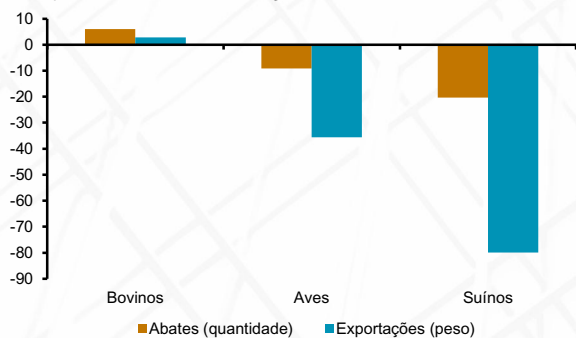
A confiança dos empresários industriais na região recuperou-se da queda provocada pela paralisação em maio, mas também encontra-se em nível inferior ao observado no início do ano, quando se esperava recuperação do setor em ritmo mais elevado. O Ipei do Centro-Oeste, divulgado pela CNI, passou de 50,5 pontos, em junho, para 54,5 pontos em setembro, com aumento de 7,2 pontos nas condições atuais, e de 2,1 pontos nas expectativas. A utilização da capacidade instalada aumentou 1,9 p.p. no trimestre encerrado em agosto, conforme dados dessazonalizados da CNI, mas ainda se mantém baixo em relação à média do período 2011-2014.

A produção agrícola no Centro-Oeste recuou em 2018, tendo em vista que as condições climáticas após o primeiro trimestre não foram tão favoráveis quanto as do ano passado. As safras de milho e feijão, que têm a produção mais distribuída ao longo do ano, decresceram 16,6% e 10,5%. A produção de cana-de-açúcar, com a colheita iniciada no terceiro trimestre, deve registrar expansão anual de 2,3%. Para 2019, segundo o primeiro levantamento feito

10/ Dados agregados da PIM-PF, do IBGE, referente aos estados de Goiás e Mato Grosso. Série com ajuste sazonal.

Gráfico 3.5 – Pecuária de corte – Centro-Oeste

Varição % acumulada no ano até agosto



Fontes: Mapa e MDIC/Secex

Gráfico 3.6 – IPCA Centro-Oeste – Padrão sazonal

Varição % mensal

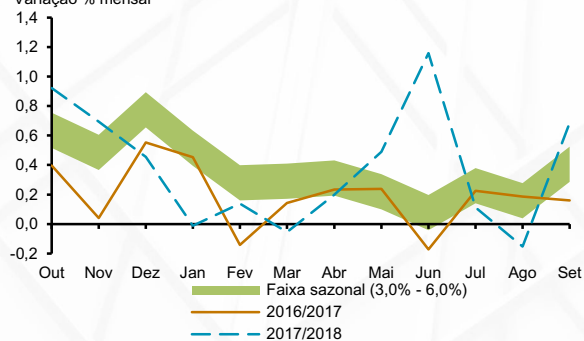
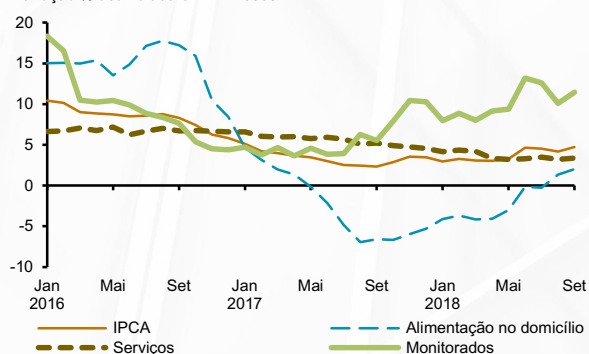


Gráfico 3.7 – IPCA Centro-Oeste

Varição % acumulada em 12 meses



Fontes: IBGE e BCB

pela Conab, a safra de grãos na região deve aumentar aproximadamente 5,0%.

A evolução da pecuária na região apresenta trajetórias distintas de acordo com o tipo de carne: enquanto os abates de bovinos apresentaram aumento de 6,0% entre janeiro e agosto, em relação a igual período de 2017, com expansão moderada no volume das exportações (2,8%), os abates de aves e suínos encolheram 9,1% e 20,4%, de acordo com o Sistema de Inspeção Federal (SIF), do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Essa queda reflete a contração no volume embarcado para o mercado externo (35,6% para carnes de aves e 80,0% para de suínos), refletindo os efeitos das barreiras impostas por alguns países de destino.

A inflação da região Centro-Oeste, após a alta acentuada decorrente do desabastecimento de produtos em maio, sobretudo de alimentos e combustíveis, voltou a apresentar evolução benigna, compatível com meta para este ano. O IPCA – agregação dos índices de Brasília, Goiânia e Campo Grande – variou 0,64% no terceiro trimestre (ante 1,86% no segundo), impulsionado pelo aumento de 1,47% nos preços monitorados (ônibus interestadual, energia elétrica, gasolina) e de 0,98% em serviços (passagem aérea, empregado doméstico, alimentação fora do domicílio). Os preços de bens industriais variaram 0,26%, enquanto os de alimentação em domicílio recuaram 1,33% (tubérculos, raízes e legumes, hortaliças e verduras, frutas). O índice de difusão atingiu 55,4% no terceiro trimestre, ante 54,4% no trimestre anterior.

Em doze meses, a variação do IPCA da região passou de 4,65%, em junho, para 4,73% em setembro, com destaque para o aumento nos preços monitorados, 11,45% (energia elétrica, gasolina e gás de botijão). Os preços dos serviços aumentaram 3,37%, enquanto os de bens industriais e alimentação em domicílio variaram, respectivamente 2,01% e 1,85%.

O nível da atividade econômica na região, mesmo com a recuperação observada após a paralisação do setor de transporte, evidencia trajetória inferior às expectativas delineadas no início do ano. A moderação da atividade econômica tem como alguns de seus fatores a queda da safra de milho, os embargos às exportações de carne, que impactaram o desempenho da indústria alimentícia, a paralisação dos transportadores, e o aumento das incertezas dos agentes econômicos, com origens internas e externas.